

O romance de terras e águas: uma reflexão às narrativas na e da Amazônia

The novel of lands and waters: a reflection on narratives in and from the Amazon

Eulisson Nogueira de Sousa¹

Resumo: O objetivo deste artigo constitui-se em analisar a construção narrativa dos romances produzidos na e da Amazônia a partir da perspectiva da identidade, da memória e do espaço. Não se pode falar de Amazônia sem antes falar de sua invenção, caminho a ser percorrido por este texto, que desaguará na constituição do imaginário amazônico e sua relação com a memória e o espaço que se fundem à identidade do sujeito que faz da Amazônia o seu chão. O roteiro teórico parte da reflexão a respeito do imaginário amazônico e sua poética, de João Jesus de Paes Loureiro (2015), do espaço narrativo e cartográfico de Luís Alberto Brandão (2013), Regina Delcastagnè (2003) e Gaston Bachelard (1989), desaguando nas ilações sobre memória, lançaremos mãos de autores como Paul Ricoeur (2010), Jeanne Marie Gagnebin (2009) e Henri Bergson (1999) em conjunção com romances contemporâneos de autores como Milton Hatoum, Nicodemos Sena, Alfredo Guimarães Garcia, Dalcídio Jurandir, entre outros que contribuam para a arquitetura deste texto. A cosmogonia da Amazônia é particular aos que nela habitam, o que é possível visualizar nos romances que narram a partir deste espaço geográfico e ficcional. Além do mais, são romances que trazem a memória como elo, fio condutor, entre o espaço, a identidade e a construção do sujeito amazônida.

Palavras-chaves: Amazônia; Imaginário; Romance; Águas; Terra.

Abstract: The aim of this article is to analyze the narrative construction of novels produced in and about the Amazon from the perspective of identity, memory and space. We can't talk about the Amazon without first talking about its invention, which is the path this text will take, leading to the constitution of the Amazonian imaginary and its relationship with memory and space, which merge with the identity of the subject who makes the Amazon his home. The theoretical roadmap starts with a reflection on the Amazonian imaginary and its poetics, by João Jesus de Paes Loureiro (2015), the narrative and cartographic space by Luis Alberto Brandão (2013), Regina Delcastagnè (2003) and Gaston Bachelard (1989), leading to conclusions about memory, We will use authors such as Paul Ricoeur (2010), Jeanne Marie Gagnebin (2009) and Henri Bergson (1999) in conjunction with contemporary novels by authors such as Milton Hatoum, Nicodemos Sena, Alfredo Guimarães Garcia, Dalcídio Jurandir, among others who contribute to the architecture of this text. The cosmogony of the Amazon is particular to those who live there, which can be seen in the novels that narrate from this geographical and fictional space. What's more, they are novels that use memory as a link, a common thread, between space, identity and the construction of the Amazonian subject.

Keywords: Amazon; Imaginary; Romance; Waters; Land.

¹Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), E-mail: eulisson.nogueira@unemat.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7340-9892>

Introdução

Sob uma ótica particular, uma cosmogonia própria, o homem da Amazônia cria e habita seu próprio mundo. “Trata-se de um estado poético que evolui do devaneio, da livre expansão do imaginário” (PAES LOUREIRO, p. 29, 2015) conferindo uma simbiose entre homem e natureza e suas múltiplas formas de ser e estar no mundo. A “Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante”, afirmava Euclides da Cunha, uma vez que os processos de conhecimento e reconhecimento do lugar foram pautados por muito tempo à luz da visão do outro, da ideia do lugar mórbido, quente, do devaneio e da quimera.

Em sendo assim, não se pode falar de Amazônia sem antes discutir a sua invenção. O texto em questão se pauta primeiro pela invenção da Amazônia, a forma como esta foi apresentada ao “velho mundo” e no percurso de suas águas, o texto, discorrerá da presença imaginário na Amazônia às relações do espaço e da memória na conjuntura dos romances produzidos ou que falem do seu chão. De maneira geral, uma conjunção entre os romances de terras e águas e sua forma de construção em relação ao espaço e a memória, unidos ao imaginário e a identidade amazônica.

O imaginário que permeia a Amazônia é próprio, é o que explica o seu mundo, a forma de viver, de ver a natureza, o contato e o respeito com as tradições e as encantarias próprias do lugar. A cosmogonia amazônica é singular aos sujeitos que habitam o seu chão, o que pode ser visto nos romances de autores da literatura contemporânea brasileira, bem como a relação do espaço geográfico e ficcional presente na construção dos enredos na diegese romanesca. A memória nesses romances torna-se o fio condutor, o elo, entre as personagens, o narrador e o lugar, firmando a identidade e alteridade do sujeito amazônico.

1 Dos relatos de viagem e da visão do velho mundo

As crônicas dos viajantes tiveram um papel fundamental na formação cultural do homem do ocidente, o habitante do “velho mundo”, que fomentado pelas narrativas de Marco Polo acreditava que além da Europa existiam seres monstruosos, cidades encantadas e povos a serem conquistados. A consagração deste imaginário europeu se deu mais fortemente a partir de relatos e crônicas de viajantes, desenhos, pinturas feitas por naturalistas, como de Heródoto que a seu modo, narra os encontros e produz desenhos de criaturas fantásticas como forma de

consolidar a narrativa dos viajantes. Um mundo, o europeu, fomentado pela fantasia e o desejo de expansão geográfica, humana e cultural.

O século das luzes trouxe uma série de questões, dentre as quais as principais eram o estatuto do conhecimento através do ou pelo poder. Detinha o poder, quem detinha o conhecimento. É o período da corrida científica e da preterição de tudo o que os séculos predecessores apregoavam à luz da igreja católica, principalmente, a centralidade do conhecimento, do bem e do mal e o controle científico e social. A destituição dos jesuítas, instituição fundada em 1542, e a promulgação das grandes navegações, constituiu-se como um dos marcos fundamentais desta empreitada, com isso, o avanço, povoamento e tomada do que viria a ser o novo mundo, *mundus novus*.

Não que o preceito religioso houvesse desaparecido, este só não constituía a centralidade, pois “a raiz desses questionamentos (o além-mar, grifo meu), certezas e inseguranças tiveram como um dos detonadores os descobrimentos marítimos e obviamente, a série de modificações econômicas, sociais e políticas carregadas em seu bojo.” (Gondim, p.19, 2016). Este movimento teve como grande representante Portugal, que aliado a Espanha, mas ainda com uma mentalidade aquém das ideias filosóficas e científicas do Ocidente, rompe a corrida pela conquista das novas terras preditas por navegadores, cartógrafos, geógrafos e capitães. A fascinação da conquista reforça a ideia, mais tarde, de invenção.

A América, nome dado pelos europeus, foi concebida pelo aspecto do lendário, exotismo frente ao novo, seja pela incerteza de quem a “descobriu”, seja pela riqueza e beleza ou pelas especulações que a circundavam. Em seu *Invenção da Amazônia* (2019), Neide Gondim, fala da visão do europeu em relação ao novo mundo e traz, também, a visão dos sujeitos deste lado do globo: “Para os povos que viviam na outra metade do mundo, significou o contato com a nova ética e costumes estranhos – do traje à alimentação, organização social e construção de cidades abstratas – traçado arquitetônico desvinculado de uma ancestralidade clânica e/ou divina”. (GONDIM, p.21, 2016)

O choque de cultura foi um marco inicial na produção de imaginários e de discursos externos. Neste choque o mais desvalido, certamente, foi o nativo. Seja pelas armas, doenças, escravidão ou aculturação, em uma ideia darwiniana, o mais forte vencia; inclusive, o seu discurso vencia. A Amazônia é inventada à luz da visão do outro, do imaginário e dos mitos fundadores de outros povos, é o Éden Tropical.

2 O imaginário permeia o lugar

“O imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 32), é sobre este estatuto de contato com a natureza e promulgação de sua própria identidade que o sujeito amazônico se constrói e constrói a sua narrativa. O homem, a natureza, os mitos, os deuses, em uma simbiose entre matas e rios, em uma dominância e dominação da natureza.

O imaginário permeia o homem desde o princípio. A Europa se constituiu a partir do imaginário, das viagens de Marco Polo, das aventuras de Heródoto, das crônicas de Fernão Lopes, e tantos outros narradores e viajantes que fomentaram os símbolos do “velho mundo”. Quando os Portugueses aportaram em terras brasileiras e despiram os nativos, por ser um dia de chuva, trouxeram consigo a sua cosmovisão, o imaginário particular de mundos regidos por sua história e memória. O que traziam em suas bagagens estavam ligados ao idealismo medieval que pusera de lado a realidade local ou as constatações do real e até mesmo da racionalidade. Como afirma Neide Gondim:

O que prevalecia era a procura de um sentido universal que funcionava como norma e modelo de concepção: todas as coisas serão absurdas se o seu significado se limitar à sua função imediata e à sua fenomenalidade, e se, pela sua essência, não alcançar um mundo para além deste. A procura de um significado comum que ultrapassasse a exterioridade do objeto, conectando sua essência a uma ideia que indicasse finalidade e não efeito, independente ou descolada do sofrimento ou da virtude individual, não só caracteriza o pensamento simbolista medieval como foi salutar contrapeso ao forte individualismo religioso, inclinado à salvação pessoal. (GONDIM, 2016, p. 23).

Qualquer que seja explicação que se quisesse esta não vinha da racionalidade, o homem medievo, primeiro atribuía suas ideias ao idealismo divino e sua simbologia, limitando assim a visão e a construção de ideias frente ao novo, uma vez que estavam ligados aos preceitos, ainda, do teocentrismo. O que se confirma nas primeiras navegações pelos rios da Amazônia a serem realizadas, principalmente, por padres, à luz de conversão do novo povo “achado”. Nisto consiste um imaginário suplantar o outro imaginário.

O *ethos* amazônico se constitui de maneira muito particular. Narrar a Amazônia é ir além das lendas e do exotismo há muito implantados, é dar forma a identidade, tradição e

história de uma população marcada pelo silenciamento e o esquecimento. Nas palavras de Paes Loureiro em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*: “A sociedade amazônica tem consciência de si mesma, reconhecendo-se com relação inter-humana, intersocial e, ao mesmo tempo, com a natureza e sua história” (Paes Loureiro, 2015, p.58), não se faz necessário que outros a digam como fizeram durante tanto tempo navegadores, cartógrafos, padres, políticos, sujeitos externos ao lugar, realçando ao mesmo tempo a dualidade paraíso e inferno, redenção e perdição. Essa relação consciente de origem secular faz com que autóctones, caboclos, imigrantes nutram em relação ao lugar comportamentos de pertencimento, de construção de memórias e identidades.

O sujeito amazônico é aquele que tem intimidade com o imaginário, com os mitos fundadores, com a metáfora das águas, das matas, dos encantados. Isso se constitui para ele um *sfulmato* da relação entre sua vivência e a memória dos que passaram. Este imaginário medeia a relação entre o homem e a natureza.

Situado diante de uma natureza magnífica de proporções monumentais, o caboclo, como homem amazônico, o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido processos altamente atrativos e eficazes de relação com a natureza, constitui um processo cultural dissonante dos cânones dominantes. O caboclo humanizou e colocou a natureza na sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção na visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza diante desse conjunto grandioso que é “mundo amazônico”. (PAES LOUREIRO, 2016, p. 59).

É um mundo regido pelas águas, pela terra fértil, pelos mitos fundadores, pela mistura das vidas em trânsito que de alguma forma buscaram nele abrigo. Não se pode confundir este estatuto do imaginário com o exotismo, no sentido, lendário. O sujeito amazônico não está em um mundo encantado, como das lendas do Eldorado ou da cidade circundada por uma serpente e muito menos do imaginário colonizador ou do naturalista moderno. É o imaginário do pertencimento “do devaneio, da poesia, do sonho, da sobrenaturalidade”, capaz de despertar ou atribuí-lhes o maravilhamento. É um estado que faz parte da construção cultural e social os sujeitos amazônidas.

Dos primeiros relatos viagens, que datam da ocupação da Amazônia entre os séculos XV e XVIII, até a literatura moderna, já escrita no Brasil, à pena de Euclides da Cunha, Inglês de Sousa e Alberto Rangel, por exemplo, temos uma Amazônia inventada à luz do imaginário

européu, do dualismo paraíso e inferno, do mormaço, do inferno verdade, do exótico, da morbidez, o mundo perdido perfazendo pouco uso, ou quase nada, da expressão, da identidade e da pluralidade amazônica. Os romances produzidos na e da Amazônia ainda carregavam a estrutura do pensamento colonialista e do naturalista moderno vinculado às ideias do positivismo europeu.

Os romances e contos da metade do século XX e início do século XXI já ambientam uma Amazônia para além do aspecto lendário, imaginativo, da ideia impressionante da mórbida e exuberante selva. São narrativas que trazem em seu bojo a poética do imaginário sem relegar a história dos autóctones, dos imigrantes, dos caboclos, e principalmente, sem serrar os olhos aos problemas sociais que permeiam o lugar, distante dos olhos da administração federal ou estadual e do difícil acesso. O imaginário ganha espaço nas narrativas, romances e contos, principalmente, aliado a firmação da identidade e alteridade daqueles que pertencem ao chão do lugar.

3 A dialética do espaço nas narrativas amazônicas

A enunciação do espaço, enquanto produto da arte, da literatura, evoca, agrupa e particulariza uma parcela do mundo, aquela que está na dominância do discurso, seja este de um narrador autodiegético ou homodiegético, ou das personagens, estruturando ideologicamente a narrativa e levando o leitor a uma intimidade e pertencimento ao objeto narrado.

O *Dicionário de teoria narrativa* define espaço como “categoria narrativa de maior relevo para a ancoragem de personagens e ações num universo referencial dado”, determinando-o assim, o conjunto de relações físicas e psicológicas que com os objetos fictícios trazidos pelos romances - não raro é possível observar que a construção espacial na tessitura dos romances - transporta o leitor para dentro do texto narrativo.

A relação da categoria espaço com os estudos literários esteve longe de ser harmônica. Ao observarmos as correntes críticas de antes do século XX, veremos uma subvalorização da espacialidade no romance em detrimento de outras categorias, como narrador e o tempo; principalmente, por escolas mais tradicionalistas, como a de Praga, tendo assim sua maior aceção na modernidade. Em seu *Teorias do Espaço Literário* (2013), o teórico e professor, Luís Aberto Brandão nos traz à tona o pensamento das correntes mais alinhadas ao positivismo, para quem “o espaço era entendido como categoria empírica derivada da

percepção direta do mundo” o que “não despertava especial interesse em um pensamento que, essencialmente antimimético – por conceber a mimese como *imitatio* – elege o debate sobre linguagem como alicerce teórico principal”, ou seja, de um leitura do texto pelo texto, sem levar em consideração as acepções externas ao texto literário. Sendo o estruturalismo, a partir da década de 1960, uma importante corrente de revisão e retomada das teorias formalistas, evidenciando assim a importância da espacialidade à construção e análise do texto literário.

Nas palavras de Brandão: “o espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica”, não como síntese de sensações ou postulado geográfico nas obras. Passa o espaço a uma importância formal e relevante à literatura.

Nas literaturas produzidas na/da Amazônia, a espacialidade se constitui como uma importante categoria narrativa, uma vez que representa um elo entre objeto narrado e a própria construção das narrativas, não só o espaço físico, geográfico, que diz respeito ao lugar, a floresta, aos rios, a paisagem, mas também o espaço das subjetividades narrativas, a configuração da atmosfera, dos elementos psicológicos e sociais presentes no texto. A partir da espacialidade os sujeitos são passíveis de reconhecer suas identidades, “que se definem na interação das subjetividades individuais e referências coletivas” (Brandão, 2013, p. 31), seu imaginário e sua cosmovisão, destituindo a forma passiva da categoria e a inserindo em um universo abrangente e de relevância, principalmente, a uma literatura que valoriza e preconiza seu imaginário e pluralidade.

Se o espaço como categoria relacional, não pode fundamentar a si mesmo, é por meio de suas “ficções” que ele se manifesta, seja para vir a ser tomado por real, seja para reconhecer-se como projeção imaginária, ou, ainda, para se explicitar, na autoexposição de seu caráter fictício, como realidade imaginada” (BRANDÃO, 2013, p. 35).

O espaço é discurso dotado de referências simbólicas, capaz de fornecer ao leitor caminhos de compreensão e análise, e principalmente, de situá-lo entre a linha tênue do real e do fictício, um estado de catarse ou *sfumato* em relação ao texto narrativo. O leitor sabe que objeto em suas mãos é ficcional, mas por visualização da espacialidade reconhece os cenários apresentados.

Os romances de literatura amazônica, delimitação da produção de autores da região, apresentam o espaço como categoria determinante ao diálogo com o social e abordagens de temas que vão além do aspecto lendário ou invencionista da região. Romancista a exemplo de Milton Hatoum, Dalcídio Jurandir, Nicodemos Sena, Márcio Souza, Alfredo Guimarães Garcia, Edyr Augusto, Daniel da Costa Leite, são expoentes que configuram o espaço amazônico em suas narrativas em diálogo com a identidade, alteridade, formação e valorização dos sujeitos amazônicos.

Uma construção em que a espacialidade aparece como imagem do mundo, ou dos mundos, tecendo uma intimidade entre obra e leitor, na produção do imaginário, da memória, da afirmação e do pertencimento. Cada chão, seco, molhado, ou úmido, é fundamental para a construção de imagens que o leitor recebe, principalmente, para a desmitificação do imaginário lendário amazônico, do exotismo, das selvas infernais e do povo sem história. O espaço nas narrativas amazônicas vai além de uma mera categoria do romance é um espaço de reconhecimento e de pertencimento.

4 Romances de memórias

O romance é um gênero em formação, afirma Bakhtin, em seu *Questões de Literatura e Estética* (2010), dito isso podemos presumir ser este um gênero que congrega as múltiplas formas de ver o mundo, de narrar a existência, os sujeitos e as vivências. É possível observar que, essas formas de ver o mundo, nos romances amazônicos, têm sido conduzidas pelos fios da memória, nas quais homem se coloca em harmonia com a natureza, o passado e as tradições orais, buscando nestas a construção do presente. Memória, cultura, tradição e esquecimento estão contíguas na tessitura dos romances de terras e águas.

O estatuto da memória remonta desde os tempos pré-socráticos, a partir do mito de *Fredo*, narrado por Sócrates, em que temos a criação da alma humana que circulava pelo mundo das ideias. A alma, segundo o mito, era puxada por cavalos alados, tendo um destes dificultado a condução, por suas peripécias, o que levou a queda da alma humana que encarnou no homem e que acabou por perder, assim, o acesso ao mundo das ideias e a sua condição inicial, a de habitar este mundo. No entanto, no plano do real, ao ver as coisas, o homem através de sua alma recorda as imagens vistas na sua primeira existência, como lembranças que estão vinculadas a sua própria essência. Assim se fundamenta o mito da memória.

Ao longo da história, diversas foram as ciências que se debruçaram sobre o tema da memória. Bergson, na filosofia, Freud, na psicanálise, Proust, na Literatura, Ricoeur, na história, Halbwachs, na sociologia, são expoentes, estudiosos, que a partir do século XX se desdobraram a investigação do papel memorialístico na construção do pensamento filosófico e cultural da humanidade, que se construiu, nos primórdios, pelo predicado da oralidade. A memória, o esquecimento, o fragmento, a oralidade, e a palavra são formas de construto da humanidade.

Para os romances, as narrativas, de literatura amazônica a memória é uma espécie de retorno ao imaginário, ela se coloca de maneira ainda mais particular. Milton Hatoum, dos grandes expoentes do romance amazônico, disse em entrevista que “a memória é o único desafio do passado, de prestar contas com ele, seja através das imagens, de uma história oral ou escrita” (HATOUM, 2007), ou seja, a memória torna-se um elo importante na condução e construção de romances que tematizam a Amazônia. Antes o que se tinha era a invenção daqueles que não tinham memória do lugar, atribuíam a tudo o que viam às memórias preconcebidas de sua concepção de mundo, principalmente, europeu; com este novo atributo unido à oralidade, a memória passa a fazer parte de um jogo de identificação dos sujeitos com as personagens ou ambiente narrado.

A narrativa, construída através das memórias, traz aos romances aspectos polifônicos, de tensão, de encontros e desencontros entre obra e leitor, que são reconstruídas a partir do momento em que este adentra o texto e em uma espécie de simbiose e passa a guardar a essencialidade do objeto lido unido a sua vivência. Como afirma Bosi:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI, 1995, p. 68).

Na literatura essa lembrança toma forma, condução e permite ao leitor uma conexão com as imagens visualizadas no cerne do texto em relação às personagens. A condução pelos fios da memória, se constrói como junção de fragmentos, como se em um mosaico, onde somente as peças, todas juntas, e visíveis trazem à narrativa sentido. São os “flashes”, os

silêncios, lembranças encobertas, esquecidas, lacunas e fissuras, que são observadas a partir das frechas e aberturas deixadas pela memória.

Memórias individuais e coletivas, por vezes fragmentadas, dialogam com as narrativas produzidas na/da Amazônia, nos autores aqui destacados, Hatoum, Márcio Souza, Edyr Augusto, Dalcídio Jurandir, por exemplo, trazem no bojo de suas narrativas as memórias que permeiam o lugar, numa confluência entre a rememoração dos sujeitos individual ou coletiva. A memória coletiva, a que se constrói por meio de sujeitos sociais plurais, tende a agir em conjunto com a memória individual. Nas palavras de Maurice Halbwachs:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado ainda de concordar com suas memórias e que haja bastante ponto de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 2013, p.22).

Os romances se constroem através de caminhos memorialísticos que priorizam a pluralidade e a alteridade amazônica, entre relatos de experiências e testemunhos individuais ou coletivos que perfazem no leitor uma força significativa de identificação, materializando os lugares por onde perpassam essas memórias como fio condutor que interliga a vida, os espaços e os sujeitos no romance.

Ainda evocando o pensamento de Halbwachs (2003) temos a memória não como mera lembrança, mas como um ato de se reconstituir, de refazer, de se sentir pertencente a algo. “Ao contrário, quanto uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreverem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança”, o que se dá na construção dos personagens nos romances que trazem como ambiente a Amazônia, pois buscam não somente lembrar, mas pertencer uns aos outros ou ao lugar. São cartas trocadas, histórias ouvidas, espaços recordados, cidades ilhadas, rios que conversam e o imaginário que consolida essas vivências.

Como parte essencial das narrativas, a memória, seja ela individual ou coletiva, relacionada ao tempo ou aos discursos, tecem as narrativas como uma espécie de herança, de perpetuação e de vivificação os sujeitos narrados e do próprio leitor; é um elo entre o mundo

ficcional e o real. Tornando-se um elemento importante na busca por identidades, sentidos, de construção de si e do outro. A memória parte como elemento fundamental para que se alcance outros aspectos no romance.

Considerações Finais

Narrar a Amazônia é ir além do exotismo e do imaginário externo ao lugar, da invenção, pois ela se constitui em um mundo de particularidades que somente os sujeitos que fazem parte da sua urdidura podem compreender, pois como afirma Paes Loureiro, são “indivíduos formados segundo um modo de relação profunda com a natureza e dos homens entre si” (LOUREIRO, 2013, p.31).

Na esteira da modernidade, em consonância com alguns romances lidos até aqui, é possível observar nos romances de terras e águas uma relação tênue e prazível entre o imaginário, a espacialidade e a memória. A Amazônia que durante muito tempo teve sua narrativa fundamentada a partir da visão europeia ou positivista, de exuberância paradisíaca, lendas e mitos, vê no seu presente uma mudança de perspectiva com narrativas que falam de sua pluralidade, diversidade e história, sem deixar de lado os problemas sociais, políticos e econômicos, apontando para uma universalização temática.

As narrativas literárias amazônicas remontam a intimidade do nativo, do caboclo, do imigrante, daqueles que fizeram da terra o seu chão, com a própria Amazônia. Firma a identidade e trazem ao leitor, principalmente local, o sentimento de pertencimento. Ao outro, essas narrativas na literatura contemporânea, apresentam uma Amazônia real, ainda que dentro da esfera ficcional, sem exotismos ou amazonialismo. Mas isso não cenas para os próximos diálogos.

Referências

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo, *In*: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (org.). **Uwa'kürü**: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan, 2017

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética, a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2010

BOECHAT, F. B. **Espaço da Identidade**: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum. Orientador: Paulo Astor Soethe, 2011. 128 f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Letras da UFPR) – setor Estudos Literários, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRANDÃO, L. A. Breve história do espaço na teoria literária. **Cerrados**, Revista do programa de pós-graduação em Literatura. UnB, n 19, ano 14, 2005: 115 – 134

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teoria do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.

CARLOS CEIA, S.V. "Espaço", **E-Dicionário de Termos Literários**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 18-07-2023.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix/INL/MEC, 1975.

DALCASTANÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea** – um território contestado. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006

GONDIM, Neide. Como a constatação da habitabilidade do antimundo modifica a ciência e o imaginário europeu & Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes. In: GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Silva. 2º ed. São Paulo: Centuro, 2003.

MOISES, Leyla-Perrone. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PAES LOUREIRO, J.J. **Cultura Amazônica** – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

PAES LOUREIRO, J.J. **Encantaria da Linguagem**. Entrevista concedida a Angela Almeida. Cronos, Natal-RN, V.3, n.1, p.14/-150, jan./jun. 2002.

PAES LOUREIRO, J.J. **Encantarias da palavra**. Belém: EDUFPA, 2017.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Diemerson da Silva; BELO, Geovane Silva. **A cosmogonia Amazônica na Poética do Imaginário de João Jesus de Paes Loureiro**. *Travessias*, Cascavel, v. 14, n. 1, p. 43-59, jan./abr. 2020. <http://www.unioeste.br/travessias>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.